

Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág. 215-231.

**PROCESSO EDUCATIVO DA COOPERATIVA DE PRODUTOS
ORGÂNICOS DO XINGU COOPOXIN, BRASIL NOVO, PARÁ**

THE EDUCATIONAL PROCESS OF THE ORGANIC PRODUCTS
COOPERATIVE OF XINGU (COOPOXIN), BRASIL NOVO CITY, STATE OF
PARÁ

Jiovana Lunelli
Carla Giovana Souza Rocha
Ana Paula Santos Souza

Resumo

Este artigo objetiva analisar os processos educativos implementado pela Cooperativa de Produtos Orgânicos do Xingu (COOPOXIN), município de Brasil Novo, Pará. Para aprofundar a análise o trabalho focou em dois cursos promovidos pela Cooperativa, um no tema cooperativismo e o outros sobre bioagricultura. Foram realizadas 5 entrevistas com cooperadas no município de Brasil Novo. A pesquisa foi de cunho qualitativo no intuito de compreender o processo a partir das visões dos próprios cooperados. O curso sobre cooperativismo foi ministrado em 2008 pelo SEBRAE, e de bioagricultura foi realizado em 2016 pela empresa HS Consultoria. O curso sobre cooperativismo foi considerado importante, entretanto, considera-se que a educação não formal aplicada pela cooperativa precisa ser ampliada e ter continuidade em relação ao objetivo de fortalecer o cooperativismo. O curso de bioagricultura veio em resposta aos problemas relacionados aos tratos culturais e controle biológico nas unidades de produção, contribuindo com alternativas de controle natural e manejo nas unidades de produção, e como foi um curso prático e diretamente relacionado aos problemas de produção foi reconhecida a sua importância prática pelos cooperados.

Palavras chaves: cooperativismo, organização, bioagricultura.

Abstract

This article aims to analyze the educational processes implemented by Xingu's Organic products Cooperative (COOPOXIN), in the municipality of Brasil Novo, state of Pará. To deepen the analysis the work focused on two courses promoted by the Cooperative: one on the cooperativism theme and the other on bioagriculture. 5 interviews were held with members of the cooperative, in the Brazil Novo city. The research was of a qualitative nature in order to understand the educational process in the vision of the members of the cooperative. The course on cooperativism was taught in 2008 by SEBRAE, and the Bioagriculture course was held in 2016 by the *HS Consultoria*. The course on cooperativism was considered important, however, the non-formal education applied by the cooperative needs to be expanded and to continue in relation to the objective of strengthening the cooperativism. The course on bioagriculture came in response to the problems related with the biological control in the production units, contributing with alternatives of natural control and management in the production units. As was a practical course and directly related to the problems of production was recognized its practical importance by the cooperative's partners.

Keywords: organizations, cooperativism, bioagriculture

INTRODUÇÃO

A região da Transamazônica faz parte do projeto de colonização implementado pelo governo de Garrastazu Médici na década de 1970, a partir do plano de colonização das terras da Amazônia, tendo como slogan “terra sem homens para homens sem-terra” trazendo para a região famílias de várias regiões do Brasil para ocupar as ditas terras. Sobre este tema Grings e Azevedo (1992, p.13) comentam que:

Sob o discurso da “Integração Nacional”, com o lema Integrar para não entregar, com o objetivo de acelerar a ocupação da Amazônia e sua integração com o Nordeste e centro-sul, o governo decidiu estabelecer e executar uma série de medidas vinculadas o Plano de Desenvolvimento do país e ao Programa de Integração Nacional (PIN): A construção da rodovia Transamazônica e Cuiabá Santarém; a delimitação da faixa destinada à reforma Agrária.

A inauguração da Transamazônica deu-se em 30 de agosto de 1972, ligando a cidade de Cabedelo, no estado da Paraíba, até o município de Lábrea, estado do Amazonas. Dentro deste contexto, Brasil Novo foi inicialmente denominado como “Agropólis” Brasil Novo, e concentrava o grupo tático do governo, a sede do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Iniciou-se no final da década de 1970 um processo organizativo que os colonos achavam ser a saída para seus problemas, a criação da COOPERFRON, uma cooperativa regional que tinha como objetivo principal a comercialização da produção agrícola da região, haja vista que a CIBRAZEM¹ já não mais funcionava. Entretanto, esta cooperativa foi uma decepção para os colonos, E segundo os mesmos, tratava-se de custo desnecessário e não representava os interesses, sendo esta a primeira experiência de cooperativismo na qual os agricultores de Brasil Novo estavam inseridos.

Em meados da década de 70, outros incentivos se deram como o plantio de cacau nas áreas de solos com fertilidade natural mais elevada.

Em 1975 a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) trouxe a discussão do plantio de cacau, uma nova atividade agrícola não conhecida pelos agricultores, sendo que muitos viam com receio este novo cultivo. Uma das formas encontradas pelo governo, na região amazônica, para possibilitar a permanência dos migrantes no campo foi o incentivo à plantação de cacau (*Theobromacacao*, L.) através do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) e mais tarde com o Programa Brasileiro de Cacau (PROCACAU). Estas iniciativas ocorreram em razão do alto preço da amêndoa de cacau no mercado mundial na década de 1970, ultrapassando os US\$3.000/t. Desse modo, o governo criou condições para

¹ Companhia Brasileira de Armazenamento, uma das empresas publicas criada no governo militar para cuidar da produção agrícola nas áreas de colonização.

aumentar a produção e a permanência das famílias na terra (ZAMORIM, 2017).

Apesar da oscilação de preços e mudanças nas práticas, Zamorim (2017) relata que concomitantemente, o mercado de compra e venda de amêndoa, com os altos preços da década de 1970, determinou o início da lavoura para muitas famílias, pois as migrações coincidiram com os períodos de alta dos preços do mercado internacional, o que influencia diretamente no preço da amêndoa no mercado local, desse modo a produção de cacau tornou-se uma das atividades mais importantes da economia regional, principalmente para a agricultura familiar praticada pelos migrantes que buscavam ajustar-se a realidade amazônica.

Em termos de organização social dos agricultores familiares, a mola propulsora dos movimentos sociais que hoje são encontrados na região da Transamazônica e Xingu foi a Igreja Católica, vinculada a Prelazia do Xingu, que através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) iniciaram uma formação política social que tinha como base a Teologia da Libertação, discutindo fé e política. Sobre este tema Leonardo Boff citado por Lowy (2000, p.2) afirma:

A teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexo de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*. Mais precisamente é a expressão de um movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores, etc. (LÖWY, 2000, p.56).

Antes da formação de cooperativas e associações ligadas à questão da produção e comercialização, o movimento das CEBs organizou vários grupos na região como os grupos de jovens, de vizinhos, assembleias setoriais, entre outros, tendo como base a metodologia *ver, julgar e agir*. Esses três pilares foram fundamentais para o surgimento de lideranças que iniciaram um processo em todas as comunidades, surgindo várias entidades de organização da classe trabalhadora, despontando sindicatos com capacidade de fazer oposição ao sistema do governo, as cooperativas, movimentos de mulheres e várias associações, todas com capacidade de fazer o debate de reivindicação da sociedade.

As formações e trabalhos de base foram fundamentais para esta região no sentido de despertar da dormência e do sistema de semiescravidão em que os povos desta região passavam, pois todos os movimentos, sejam populares ou religiosos, tinham como

missão evidenciar os problemas do povo, homens, mulheres e jovens, a partir de pensamentos revolucionários e coragem para lutar, encontrando esta força dentro da fé cristã. Assim, além dos sacramentos cristãos, a Igreja Católica do Xingu incentivava a organização dos camponeses nas comunidades e o fortalecimento da agricultura familiar, deixando como legado para as organizações que surgiram a partir de então, a importância da luta por direitos e melhoria da qualidade de vida e a necessidade de qualificar essa luta através da formação e do conhecimento.

A Cooperativa de Produtos Orgânicos do Xingu (COOPOXIN) foi fundada em 19 de abril de 2008 a partir das proposições do movimento dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, com o intuito de produzir de forma sustentável, como também comercializar a produção para a agroindústria, diminuindo os intermediários e desse modo aumentando o valor agregado ao produto (ZAMORIN, 2017).

A COOPOXIN se propõe a promover processos educativos por meio de cursos, palestras e seminários. Este processo também visa atender as normas da certificadora IMO (Instituto de Mercado Ecológico), pois a mesma concede somente o certificado se todos os cooperados se adequarem às exigências da certificação nacional e internacional. Assim, a formação almeja que os cooperados conheçam e passem a se adequarem a algumas regras estabelecidas pela certificadora como a obrigatoriedade da coleta seletiva do lixo, das exigências que todas as crianças filhos dos mesmos ou de seus meeiros em idade escolar estejam matriculados e frequentando a escola, e a obrigatoriedade dos cooperados estabelecerem contratos de parcerias entre proprietários e meeiros.

A COOPOXIN realizou vários eventos educativos. Pode-se considerar que estes eventos fazem parte de um processo educativo não formal que necessitam ser avaliados em termos da sua repercussão nas práticas organizativas e agrícolas dos cooperados. Buscando uma visão ampla por levar em conta a avaliação dos cooperados sobre as ações desenvolvidas pela cooperativa no que tange temas sobre direito, deveres e processo organizativo como também temas relacionados a cultivo, controle das áreas de produção com uso de produtos biológicos. Sobre processos educativos em espaços dos movimentos sociais, Gohn (2011) citado por Rodrigues e Tamanine (2012, p.6) comenta que:

Os processos educativos desses espaços e seus indivíduos como sujeito e protagonista de sua história, um sujeito político, que pensa, que age.

Espaços importantes da sociedade abarcam as atividades da Educação não formal e suas práticas educativas e distribuem-se em inúmeras dimensões. Na sociedade civil organizada vinculada a programas e projetos sociais, nas ONGs, movimentos sociais de educação não formal. A Educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento em territórios fora das estruturas curriculares da Educação formal (GOHN, 2011, citado por RODRIGUES; TAMANINE, 2012).

Os processos formativos de alguma maneira são também formais, pois há um planejamento, geram relatórios, atas, lista de presença, em alguns casos certificados, mesmo tendo diferença na metodologia, como na exposição de Gadotti (2012, p. 6).

A **educação formal** é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação. A **educação não formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo, muitas vezes associado ao conceito de cultura. Daí a educação não formal estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças.

O tema central deste trabalho são os processos educativos a partir da atuação da COOPOXIN, buscando responder: quais os efeitos de ações de formação/capacitação que a COOPOXIN tem desenvolvido com os cooperados em relação ao tema do cooperativismo e das práticas agroecológicas? Os cooperados compreendem o processo educativo implementado pela COOPOXIN como meio de transformação social e ambiental?

Assim, o objetivo geral é estudar como os cooperados da COOPOXIN compreendem o processo educativo pelo qual passaram tendo em vista a ênfase na transformação das práticas sociais e ambientais dos mesmos.

Os objetivos específicos são: apresentar o histórico da cooperativa; caracterizar o perfil socioeconômico dos cooperados; descrever as ações educativas para produção orgânica e de organização implementadas pela COOPOXIN; analisar como os cooperados entenderam as ações educativas.

METODOLOGIA

Para análise do processo educativo da COOPOXIN foram escolhidas duas ações educativas para analisar: o curso sobre cooperativismo promovido pelo SEBRAE

(Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas) e sobre o curso de bioagricultura ministrado pela empresa HS Bioagricultura e Consultoria.

Para geração dos dados sobre o processo educativo, que varia de assembléias, reuniões, palestras, cursos e seminários, foram identificadas as ações de formação da cooperativa no intuito de conhecer quais são os processos educativos realizados pela COOPOXIN. Foi realizada também uma pesquisa documental nos arquivos da cooperativa e registros da diretoria da mesma.

Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com os cooperados. Duas comunidades foram escolhidas, a Vicinal 15, com dois entrevistados e a Vicinal 16, com três entrevistados, destes, uma mulher. As entrevistas ocorreram no início de fevereiro de 2018, no município de Brasil Novo.

A COOPERATIVA E OS COOPERADOS

A COOPOXIN foi criada em 2005, mas regularizada em 2008, através de um incentivo da Fundação Viver, Produzir e Preservar (FVPP), em uma parceria com o governo alemão por meio do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), que ficaria com a parte de certificação da produção, e envolvendo também os Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR`s), em articulação com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e o Serviço Brasileiro de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário (SEBRAE). Assim, foi criado o programa de produção orgânica da Transamazônica com a formação de cooperativas de produção orgânica ao longo da região. Fazem parte deste programa seis cooperativas distribuídas nos municípios de Anapu, Pacajá, Vitoria do Xingu, Brasil Novo, Medicilândia e Uruará.

O objetivo inicial era mostrar uma nova forma de produzir e de organizar as propriedades, e assim, produzir com qualidade, certificar as propriedades e fortalecer o cooperativismo por meio da realização das vendas coletivas, de início de cacau orgânico, com acesso a mercados que valorizassem o trabalho realizado pelos cooperados. Atualmente são 43 cooperados e 115,1 hectares de área certificada de cacau orgânico, e todos participam das discussões da cooperativa e são identificados por um código para facilitar a identificação dos produtores e o rastreamento do produto. A

certificação da produção orgânica é realizada pelo Instituto de Mercado Ecológico (IMO). Trata-se de uma certificação coletiva para todos os membros da cooperativa.

Passando um olhar reflexivo sobre os cooperados e direção da COOPOXIN, percebe-se que estes têm o objetivo de ter autonomia sobre os seus produtos e também sobre a propriedade, e observa-se alguns pontos aonde a Cooperativa tem fragilidades, dentre elas temos a ação dos atravessadores e a falta de capital de giro da cooperativa.

Todos os cooperados são agricultores familiares, sendo em sua maioria herdeiros de filhos de migrantes que chegaram entre as décadas de 1970 e 1980. As propriedades são divididas em chácaras que varia entre 5 a 10 hectares, também há cooperados que possuem áreas de maior extensão que variam de 50 a 128 hectares. A faixa etária dos cooperados é de 20 a 65 anos, e os mesmos são originários das várias regiões do Brasil, notadamente do Nordeste. Os entrevistados detem a posse da terra, ocupando-as de 1971 a 2014, sendo que alguns dos entrevistados residem nas propriedades de origem, as quais foram divididas em chácaras e são ocupadas pelos herdeiros.

OS PROCESSOS EDUCATIVOS DA COOPOXIN E SEUS RESULTADOS

Estes processos formativos em alguns casos são exigências da certificadora, outros são propostas pelos cooperados em assembleias gerais ou reuniões de planejamento, em outros casos, são oficinas de projetos, podendo ser da COOPOXIN ou da Cooperativa Central de Produção Orgânica (CEPOTX), com sede em Altamira.

Muitas são as atividades e formações realizadas pela COOPOXIN, seguindo ou não um cronograma de planejamento, no sentido de capacitar e organizar as unidades produtivas de seus cooperados, algumas seguem as definições da economia solidária, outras pela linha tecnicista e empresarial. De alguma forma, todas discutem também a situação de vida e da permanência dos cooperados nas propriedades, sendo esta uma das preocupações da diretoria da organização.

No Quadro 1 destaca-se as diversas instituições parceiras que contribuíram no processo formativo dos cooperados, em um modelo de educação não formal. Todos estes momentos contribuíram para o aumento do conhecimento dos mesmos, nestes espaços formativos são abordados temas importantes para os rumos da COOPOXIN. Nestes ambientes são debatidos assuntos que vão do sistema organizativo, espaço de

avaliação, planejamento de ações, de vendas coletivas, problemas relacionados às unidades de produção, mas, também são realizadas as formações para melhor entendimento de processos de comercialização e novos rumos para a atuação da cooperativa.

Quadro 1: As ações de formação da COOPOXIN

Tipo de ação	Tema abordado	Entidades envolvidas	Data	Nº part.	Local
Assembleia	Fund. Cooperativa	STTR, FVPP, CEPLAC	19/04/2008	32	Casa Familiar Rural
Reunião	Pará Rural	STTR, gov. do Estado	18/10/2008	19	Casa Familiar Rural
Reunião	Parcerias	STTR	24/01/2009	18	Casa Familiar Rural
Curso	Segurança no trabalho na lavoura do cacau	COOPOXIN-IFPA	20/06/2010	20	Vicinal da 16, Brasil Novo
Curso	Capacitação em gestão para cooperativas cacauceiras	Metrópole Soluções empresariais	26 a 29 de maio de 2014	17	Altamira
Oficina	Atender bem no campo	SEBRAE	30/07/2014	15	Convento, Brasil Novo
Oficina	Custos Para produzir no Campo	SEBRAE	26/05/2015	18	Convento, Brasil Novo
Oficina	Controlar meu dinheiro no campo	SEBRAE	26/05/2015	18	Convento, Brasil Novo
Seminário	Seminário de produção orgânica	SEBRAE/CEPOTX/COOPOXIN	08/12/2015	168	Casa Familiar Rural
Palestra	Agronegócio/ produção orgânica	SEBRAE/CEPOTX/COOPOXIN	08/12/2015	168	Casa Familiar Rural
Curso	Gestão para Pequenos Negócios	SEBRAE	15/12/2015	17	Casa Familiar Rural
Seminário	Agroecologia	ECCFR/UFPA/Fundo Dema/Levante Popular da Juventude/STTR Brasil Novo	08/04/2016	85	Casa Familiar Rural

Treinamento	Bioagricultura	COOPOXIN/ Bioagricultura Consultoria	HS	19 a 20 de abril 2016	35	Casa Familiar Rural e Vicinal 16, Brasil Novo
Reunião	Diagnóstico sobre os produtores orgânicos	COOPOXIN STTR UFPA		2017	25	COOPOXIN

Os cursos trazidos pela Central das Cooperativas (CEPOTX) abordaram temas relevantes como da produção orgânica e do processo de certificação. Outro curso importante foi o de segurança no trabalho que abordou sobre as formas de exercer as atividades diárias que não representem riscos à saúde e integridade das pessoas, sendo este curso uma exigência da certificadora.

A realização do primeiro seminário de produção orgânica foi um passo para divulgar as ações das cooperativas para dentro do município e da região, e importante para a divulgação dos trabalhos e conquistas relacionadas às alternativas orgânicas.

O curso de bioagricultura veio trazer uma resposta aos problemas relacionados aos tratos culturais e controle biológico nas unidades de produção, contribuindo com alternativas de controle natural e manejo nas unidades de produção.

O diagnóstico realizado pela parceria entre UFPA/COOPOXIN e STTR foi uma atividade que trouxe elementos fundamentais para uma avaliação da cooperativa como um todo, trazendo vários aspectos a serem melhorados dentro da COOPOXIN.

Dentre os vários cursos, palestras, seminários onde os cooperados participaram, este estudo será focado no Curso de Cooperativismo e na Oficina de Bioagricultura. Entende-se que esses temas são importantes para a transformação social, tanto para as famílias quanto para o desenvolvimento das propriedades e melhoramento da atividade orgânica, pois a dimensão ambiental e política recebem destaque nos processos formativos. Sobre estes aspectos, Schmitt e Tygel (2009, p. 125) afirmam que:

No caso dos agricultores familiares, a redefinição de suas relações com o meio ambiente é um elemento-chave na transformação de suas relações como os mercados, a jusante e a montante da produção agrícola. Ao mesmo tempo, o acesso a meios de produção, como a terra, a água e a biodiversidade, não envolve apenas uma questão de *justiça econômica* incorporando, também, uma forte dimensão ambiental. Trata-se, além disso, de um tema estratégico para a ampliação do diálogo desses dois campos com outros segmentos sociais em temas como qualidade de vida, mudanças climáticas e riscos ambientais.

A solução encontrada para o programa de produção orgânica foi levar cursos e palestras, e como curso inicial com todos envolvidos foi escolhido o tema Cooperativismo, que ocorreu logo após a fundação da COOPOXIN. O curso abordou temas sobre os processos organizativos de uma cooperativa, evolução social, desenvolvimento e grupo de pessoas, relações interpessoais, liderança, participantes, autogestão, identidade da cooperativa, princípios, direitos e deveres dos cooperados.

Foi utilizada uma apostila que continha as normas exigidas pela legislação brasileira, contendo leis, modelos de estatutos, edital de convocação, procedimentos de registros e livros obrigatórios. A apostila contém 49 páginas, e destas, somente 11 abordam o cooperativismo e como atuar em grupo, ser liderança, fazer a inclusão, sobre controle e afeto.

Verificou-se que o que mais foi destacado em termos de interesse em se tornarem cooperados foi que teriam a valorização do produto (melhor preço) através das vendas coletivas, e apenas um entrevistado frisou que além das vendas, o fator principal seria o companheirismo e o processo organizativo como ferramenta que valorize os agricultores através do processo de cooperativismo.

Sobre a visão que tem cooperativismo, três entrevistados afirmaram que serve para buscar melhorias para a propriedade, através de um preço que valorize a produção. Dois destacaram que o comprometimento deve ser de todos do grupo, e que o lucro é a consequência do processo de organização, onde todos devem obter os lucros, mas que a vida e o bem estar deve ser uma preocupação de todos.

Na questão de como o cooperativismo mudou a forma de trabalhar, um entrevistado respondeu que sua visão não mudou muito, mas afirma ser mais fácil obter lucro principalmente por intermédio da COOPOXIN, que oferta vários cursos que fortalecem o sistema de produção. Outro destaca que houve uma melhoria significativa e que agora é necessário o fortalecimento do grupo. Outro entrevistado diz ser valorizado na cooperativa, pois, todos têm direito iguais e têm oportunidade de crescer juntos, mas que ainda há falhas no processo. Outro entrevistado destaca que ampliou seu leque de conhecimentos, principalmente no que tange ao uso de defensivos naturais, entretanto, este admitiu que não coloca em prática os aprendizados repassados pela COOPOXIN. Dois destacam que para além do processo organizativo, ou do modo de trabalhar a terra, ou seguir normas, houve uma mudança em sua visão de mundo e de

proteção do meio ambiente, pois acredita que há uma sensação de conquista ao vender um produto de qualidade.

Em relação as ações que participaram sobre o tema do cooperativismo, dois cooperados não lembram quando foi ou quem ministrou, lembram somente que participaram. Três dos entrevistados disseram ter participado e que o curso ocorreu entre os anos de 2007 e 2008 e que foi ministrado pelo SEBRAE/STTR e FVPP e que abordava temas de cooperativismo e administração de finanças.

Perguntados de como avaliam o curso de cooperativismo, três entrevistados afirmaram que foi uma ação positiva que ampliou os conhecimentos, mas não é colocado em prática. Dois avaliam que foi muito proveitoso e que despertou um novo olhar (“uma semente foi jogada, muitas nasceram e produziram frutos, já outras não chegaram nascer”) sobre o planejamento e organização da propriedade, e o curso despertou um sentimento que "devemos olhar a nossa propriedade como uma empresa que gera lucros e gastos e que deve ser avaliada constantemente para que possa gerar cada vez mais lucros".

Sobre o que acham de estudar e debater sobre o tema cooperativismo, todos foram enfáticos que o curso foi importante, mas que são necessários outros cursos formativos para todos entenderem seu papel dentro do contexto do cooperativismo. Um entrevistado disse que "estamos desatualizados, não podemos nos prender em somente vender o cacau, mas devemos discutir a nossa ação dentro do processo como um todo". Outro destaca que seria importante realizar intercâmbios para conhecer a realidade de outras cooperativas, para verificar outros métodos para melhorar a ação/participação/relação e entendimento dos cooperados.

É importante ressaltar que nas respostas que abordaram de forma específica sobre o cooperativismo, há um destaque para as questões comerciais e agregação de valor aos produtos, mas também há uma grande preocupação com a organização no processo de cooperativismo, sentindo-se como parte latente da cooperativa, no sentido não somente de valorizar o produto, mas com um olhar reflexivo sobre a cooperativa, aonde deve haver o envolvimento de todos, com valorização social e ambiental, procurando interagir com outras cooperativas, no sentido de melhorar o processo organizativo.

Em relação ao curso sobre Bioagricultura, este teve o objetivo de realizar um estudo teórico e um treinamento em práticas de fertilização, prevenção e controle de

pragas e doenças das culturas, atendendo aos critérios das principais normas de certificação e visando o aumento da produtividade.

No entendimento dos entrevistados de como os cooperados entenderam a ação desenvolvida pela cooperativa no caso do curso de bioagricultura, dois disseram que foi muito positivo, pois os cooperados tem agora a opção de tratar melhor as lavouras sem haver a contaminação do meio ambiente. Um destaca que foi uma ação importante que melhora o sistema produtivo, mas que mesmo sendo um curso aberto para todos não houve uma participação expressiva por parte dos cooperados. Dois destacaram ser uma atividade muito importante, pois os cooperados podem tratar a terra e as plantas sem o uso de agrotóxicos, tendo a opção de tratar melhor as suas plantações no sentido de fertilização e crescimento, e que agora tornaram-se referências para os demais produtores da comunidade, no sentido de outros agricultores buscarem informações sobre alternativas de produtos biológicos para o combate de insetos.

Em relação a como avaliam o curso, e o que poderia ser melhorado, assim como o que acharam do instrutor, dois avaliam que foi muito positivo, pois o instrutor usou uma metodologia própria para cacauicultores, facilitando o entendimento, deixando claro todos os pontos. Três destacam que foi muito proveitoso, adquiriram muito conhecimento, havia clareza no repasse das informações, porém, deveria ser melhor aproveitado pelos cooperados.

Sobre o que foi a implementação na prática depois do curso, dois cooperados responderam que não fazem a calda, mas viram o resultado no vizinho, aonde deu um resultado positivo. Outro respondeu que fez a calda e outras receitas, pois o curso abriu a visão para muitas alternativas que podem ser utilizadas na propriedade. Outro diz que não utilizou a calda feita no curso. Um entrevistado respondeu que fez a calda e utiliza uma vez por mês no cacau, e que a lavoura melhorou a frutificação, e que houve uma revitalização nos legumes da horta.

Um cooperado destaca que estes cursos devem ter continuidade para avaliar melhor os resultados, e que através dos cursos trazidos pela COOPOXIN, torna o trabalho mais leve, mudando o modo de trabalhar, e havendo nestes espaços trocas de experiências.

Pode-se perceber que há um maior entusiasmo ao falarem do curso sobre bioagricultura, talvez por ser um tema importante na visão dos cooperados, ou podendo

ser também devido à dinâmica e o modo de abordagem do palestrante, valorizando o curso e entendendo ser este muito importante para os sistemas de produção.

A COOPOXIN desenvolve um papel importante não somente quando proporciona cursos e palestras, mas reuniões e assembléias para troca de saberes, desse modo a educação popular e o conhecimento tradicional das famílias passam de pais para filhos, transformando e realizando a interferência na sociedade, sobre isso relata Rodrigues e Tamanini (2012, p.02).

A Educação é chamada também a transpor os muros da escola, para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo e outras atividades afins. Configura-se assim um novo campo da Educação que aborda processos educativos fora das escolas ou não, em processos organizativos da sociedade civil, abrangendo organizações sociais e não governamentais, movimentos sociais estratégicos, ou processos educacionais articulados com a escola e comunidade.

Neste espaço, realizam seus processos formativos, usando as ferramentas que possuem que neste caso é a forte ligação com o movimento social, em uma proposta em que a educação ultrapassa o currículo tradicional, sendo utilizadas as atividades agrícolas para dar luz ao conhecimento, discutindo seus problemas e fazendo análise da realidade, buscando de forma coletiva a solução para os problemas e as dificuldades do grupo.

Importante ressaltar que a COOPOXIN realiza um processo de educação comunitária para seus cooperados. Sobre os processos educativos nos ambientes não escolares, nos fala Rodrigues e Tamanini (2012, p. 03):

A história da Educação no Brasil vem se constituindo como área de conhecimento e área de intervenção social, fruto da interferência significativa dos Movimentos Sociais em diferentes conjunturas sociais políticas e econômicas. O debate sobre a educação das classes populares e sua inserção nas políticas públicas está profundamente vinculado às transformações do trabalho e conseqüentemente à estrutura política de estado.

Desse modo, a COOPOXIN e seus colaboradores utilizam uma ferramenta metodológica diferenciada, buscando repassar novos conceitos que não encontram em escolas, garantindo uma formação que dialogue com os problemas e anseios dos cooperados, como atores que discutem e planejam o cenário e o espaço de formação. Como fala uma das entrevistadas, o cooperado torna-se referência na comunidade sendo multiplicadores de novos conceitos e ideias, que não são repassados em ambientes escolares.

Através dos cursos e palestras é possível repaginar os cenários agrícolas, de modo que os próprios agricultores se vêem por outra perspectiva como sendo social e

intelectualmente capazes de construir e repassar conhecimento para transformar não somente seu modo de produção, mas, deixando como legado um modelo de transformação, através das práticas repassadas para a sociedade.

Percebe-se claramente que alguns dos entraves da COOPOXIN se dá devido os cooperados ainda não perceberem totalmente o que significa o cooperativismo, que neste caso seria cooperar, não somente vender coletivamente, ajudar-se mutuamente, ainda é muito forte o individualismo onde alguns trabalham fechado em sua pequena propriedade e não entendem que a cooperativa é de seus cooperados, que para dar um resultado necessita do empenho e da cooperação de todos.

Sobre os fundamentos do cooperativismo e a avaliação crítica de sua prática, Frantz (2010, p.16) argumenta que:

A reflexão, na análise crítica, na avaliação do sentido da cooperação, é um dos elementos de garantia de estabilidade organizacional e institucional, de validade social do cooperativismo. Quando, porém, falha a reflexão, a crítica, a avaliação, corre perigo a estabilidade e a validade das instituições, especialmente no caso de cooperativas. Corre perigo o projeto cooperativo como um espaço de organização democrática, de participação, de qualificação política e técnica de seus integrantes. Um dos fundamentos do cooperativismo é a democracia. A democracia não é um fim em si mesmo, mas constitui um caminho de relações políticas sem o qual o projeto cooperativo se fragiliza. A reconstrução da supremacia da política sobre a economia, mediante a democracia, parece ser condição fundamental a um projeto cooperativo.

Ao observar o modo de vida dos cooperados percebe-se que a opção por uma agricultura orgânica ultrapassa a possibilidade de simplesmente substituir o uso de agrotóxicos, mas, de se tornar um modo de vida integrado com a natureza, reutilizando os próprios recursos naturais como forma de preservá-los, buscando meios que torne a propriedade sustentável, não apenas para o presente, mas também para a utilização das gerações futuras.

Nesse sentido a formação seria para partilhar o conhecimento científico tecnológico e empírico dos envolvidos, visando o aumento da produtividade e da qualidade da produção orgânica da COOPOXIN, como também debater sobre ações cooperativistas, e nesse sentido, buscando fortalecer a organização e os cooperados, a organização social do segmento, a obtenção de financiamentos junto às instituições de crédito para melhorar as unidades de produção que sugerem a apresentação de formas de acesso ao mercado que agreguem valor e geração de renda na agricultura familiar sustentável e viabilizem a inclusão social na área rural. Como também visa melhorar a relação dos cooperados com o mundo exterior.

Sobre este tema, Presno (2005, p.09) vê como um processo permanente de capacitação para cooperados.

A capacitação deve ser usada também para reforçar a relação com os membros, e deve contribuir tanto para o desenvolvimento de uma identificação com a cooperativa, como para a própria organização democrática e o reforço dos laços entre os próprios cooperados. Assim, estaria contribuindo paralelamente para a adequação da organização às necessidades dos membros e cimentando suas potencialidades de desenvolvimento futuro. Desta forma, os valores cooperativos serão o espírito que inspirará a articulação das estratégias competitivas, contribuindo para a construção dos laços entre os cooperados e com a sua cooperativa

Olhando por esta ótica, percebe-se que há uma necessidade urgente de formação tanto no âmbito organizativo, quanto pelo ponto de vista do companheirismo, da importância de reunir-se e planejar o dia-a-dia da cooperativa, fazendo-os perceber que precisam um dos outros e que os mesmos tem uma ferramenta importante que a cooperativa e que a mesma tem um canal de vendas direta nacional e internacional. Assim como, deve-se discutir sobre o individualismo, para deixá-lo de lado e pensar coletivamente em todo o processo, como uma saída para o fortalecimento do grupo.

CONCLUSÃO

Os sistemas convencionais mostram um rastro de destruição não somente econômico, mas social e ambiental, e o modo encontrado pelos agricultores para rebater este fato foi organizar-se em movimentos de classe, no intuito de encontrar um mecanismo de organização dos interesses da categoria, criando não somente raízes nesta região, mas uma opção de vida, via o cooperativismo e a produção sustentável.

Observa-se que apesar de todos os problemas para o sucesso do cooperativismo no Brasil, de modo especial para a cooperativa de agricultores familiares citada, existe uma grande dificuldade no sentido da organização social, talvez seja devido não ter colocado em prática o aprendizado sobre o curso de cooperativismo, pois de nada valerá realizar o processo formativo e manter as mesmas práticas.

As formações promovidas pela COOPOXIN estão em sua maioria na linha das práticas de manejo. E mesmo tendo vários nesta área é necessário ter um acompanhamento para que o resultado seja positivo. Os cooperados durante as entrevistas colocam a COOPOXIN como uma ferramenta importante de organização,

mas enfatizam que deve haver outras formações no sentido do melhor entendimento sobre o tema cooperativismo.

Os processos de educação realizados pela COOPOXIN, com raízes na metodologia formativa das CEBs, surtem um efeito positivo quando os cooperados tornam-se referências sobre o uso alternativo da terra e dos produtos para combater os problemas encontrados em suas unidades de produção.

Por fim, ficou claro nas entrevistas que será preciso trazer outros espaços formativos para dentro da organização. É notória a credibilidade dos cooperados em relação à COOPOXIN, e que a educação não formal aplicada pela cooperativa precisa ser ampliada no sentido da formação sobre o tema cooperativismo. Pois, trabalhar coletivamente requer uma dedicação constante de aprendizado, sendo um campo aberto para o conhecimento de práticas inovadoras.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010
- BROCH, Alberto. TORTELLI, Altemir. STÉDILE, João Pedro. *A Agroecologia e os movimentos sociais do campo*. In: PETERSEN, Paulo (Org.). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- HIGUCHI, Gaspareto Inês Maria, ZATTONI, Michelle; BUENO Protti Fernando, *Educação Ambiental em contextos não escolares: definindo, problematizando e exemplificando*. *Pesquisa em Educação Ambiental*. V. n. 2119-131, 2012.
- GRINGS, Benilde, AZEVEDO, de Moraes Neves das Maria. *Projeto de Colonização e suas Implicações na área Educacional*, 1992.
- FRANTZ, Walter. *Práticas Cooperativas Como Processos Educativos*. Revista Contexto & Educação, [S.l.], v. 25, n. 83, p. 133-152, maio 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- PETERSEN, Paulo (org). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- PRESNO, Amodeo Beatriz Nora. *Cooperativas de Agricultores Familiares: Foco na Competitividade para o Desenvolvimento Rural*: DER/UFV, 2005.
- RODRIGUES, Deneusa; TAMANINI, Elizabete. *Educação não Formal e Movimentos Sociais-Práticas Educativas nos Espaços não escolares*. IX Anped Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul. 2012
- SCHMITT, C. J; TYGEL, D. *Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios*. In: PETERSEN, P. *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- ZAMORIN, Brenda Glaude Arrais Cruz. *Amêndoa de cacau de alta qualidade na Transamazônica: as práticas dos agricultores familiares em função das exigências do mercado*. Dissertação (Mestrado em Agricultras Amazônicas) - Universidade Federal do Pará. Carla Giovana Souza Rocha (Orientadora). Belém, 2017.

Recebido em 4/5/2018. Aceito em 4/10/2018.

Sobre autores e contato:

Jiovana Lunelli- Licenciada em Educação do Campo; Cooperativa de Produtos Orgânicos do Xingu; e-mail: jiovanalunelli@yahoo.com.br

Carla Giovana Souza Rocha- professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, Campus de Altamira; email:crocha@ufpa.br

Ana Paula Santos Souza- professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Etnodiversidade, Campus de Altamira; email:anapss@ufpa.br